

O uso variável do artigo definido diante de antropônimos: uma análise variacionista no falar popular fortalezense

The variable use of the definite article in the face of anthroponyms: a variationist analysis in popular speech in Fortaleza

Dayane Bezerra de Souza  

d.bezerras@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Aluiza Alves de Araújo  

aluizazinha@hotmail.com

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Leticia Freitas Alves  

leticiafreitas59@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Resumo

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, esta investigação examina a variação no uso do artigo definido diante de antropônimos na fala popular fortalezense. Utilizamos uma amostra do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – CE, com 24 informantes, do tipo Diálogo entre Informante e Documentador. Para a análise dos dados, foi utilizado o programa *GoldVarb X*, controlando-se onze variáveis: *sexo, escolaridade, faixa etária, proximidade do enunciador com o referido pelo SN, tipo de preposição, status informacional, gênero do antropônimo, quantidade de palavras do SN, tipo de antropônimo, tipo de relato e título*. As 599 ocorrências foram processadas, obtendo frequência geral de uso do artigo com 67,8% para a presença e 32,2% para a ausência. Dentre as variáveis testadas, 6 foram selecionadas pelo programa computacional: *proximidade do enunciador com o referido pelo SN, tipo de preposição, status informacional, gênero do antropônimo, quantidade de palavras do SN e tipo de antropônimo*. Assim, o padrão linguístico da comunidade demonstra preferência pelo uso do artigo definido diante de antropônimos e maior influência dos fatores linguísticos sobre o fenômeno.

Palavras-chave

Artigo Definido. Antropônimos. Fortaleza-CE. Sociolinguística Variacionista.

Abstract

Following the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, this study investigates the variation in the use of the

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 24/07/2024

Aprovação do trabalho: 11/12/2024

Publicação do trabalho: 27/03/2025

 10.46230/lef.v16i3.13655

COMO CITAR

SOUZA, Dayane Bezerra de *et al.* O uso variável do artigo definido diante de antropônimos: uma análise variacionista no falar popular fortalezense. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.3, 2024. p. 332-354. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13655>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

definite article before anthroponyms in popular speech in Fortaleza. We used a sample from the Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - CE, with 24 informants, of the Dialogue between Informant and Documenter. We analyzed our data using the software *GoldVarb X*, including the following independent variables: gender, education level, age, proximity of the enunciator to the person referred by the noun phrase, type of preposition, informational status, gender of the anthroponym, number of words in the noun phrase, type of anthroponym, type of report and title. We found 599 occurrences of the studied case, obtaining the following frequency of use of the article: 67.8% for presence and 32.2% for absence. Among the variables tested, 6 were selected by the computer program: proximity of the enunciator to the person referred by the noun phrases, type of preposition, informational status, gender of the anthroponym, number of words in the noun phrase and type of anthroponym. Thus, the linguistic pattern of the community demonstrates a preference for using the definite article over anthroponyms and a greater influence of linguistic factors on the studied characteristic.

Keywords

Definite Article. Anthroponyms. Fortaleza-CE. Variationist Sociolinguistics.

Introdução

Baseando-nos no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, conforme delineado por Labov (2008), investigamos, neste trabalho, o uso variável do artigo definido (presença ou ausência) diante de antropônimos na fala popular da cidade de Fortaleza - CE. Analisamos, para tanto, uma amostra composta por 24 informantes, estratificados em *sexo, faixa etária e tipo de registro*, retirada do *corpus* Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR).

Ao determos o olhar sobre o fenômeno em análise, deparamo-nos com alguns estudos já concretizados, como o de Farias e Dias (2017), em duas cidades mineiras, o de Lima e Moraes (2019), nas capitais do norte do Brasil, e o de Oliveira (2021), na comunidade recifense. Quanto aos estudos centrados em comunidades fortalezenses, temos os de Souza, Alves e Araújo (2020; 2021), ambientados na fala popular e culta, respectivamente, o de Lé (2021) e o de Almeida (2023), ambos na fala culta. Apesar de haver diversas análises sobre o fenômeno em tela em várias comunidades brasileiras, as pesquisas existentes não foram suficientes para preencher espaços ainda lacunados. Como veremos na seção destinada à revisão de literatura, há lugar, assim, para a presente investigação, que objetiva contribuir para a descrição e o mapeamento do uso variável do artigo definido diante de nomes de pessoas.

A partir dos estudos citados, formulamos algumas hipóteses acerca de nosso fenômeno: 1) a presença do artigo definido diante de antropônimos é maior que a ausência; 2) quanto à variável *proximidade do informante com o Sintagma Nominal*, quanto mais próximo o informante for da pessoa a quem o

antropônimo se refere, maior é o favorecimento do determinante; 3) em relação à *faixa etária*, os mais velhos são aliados da regra; 4) no que se refere ao sexo, há mais aderência pelo sexo feminino; 5) no que tange à *escolaridade*, acreditamos que não haja influência sobre a ocorrência de artigo nesse contexto¹; 6) acerca do *tipo de preposição*, todas se mostram aliadas à presença, e, em maior grau, as aglutinadoras; 7) em *status informacional*, o fator “retomado” impulsiona a expressão do artigo; 8) com relação ao *gênero do antropônimo*, o fator “feminino” propicia a realização do determinante; 9) no tocante ao *tipo de antropônimo*, os que se referem a formas menos íntimas, como sobrenome, privilegiam a utilização do artigo; 10) sobre o *tipo de relato*, o fator “reportado” figura como aliado à regra; 11) quanto à variável *título*, o fator “com ocorrência” se mostra favorecedor do fator de aplicação, a presença; 12) a respeito da *quantidade de palavras do Sintagma Nominal*, quanto menor o sintagma, maior a chance de realização do determinante.

Acerca de nosso trabalho, ele se estrutura da seguinte forma: apresentação sobre o fenômeno em tela, seguida pela revisão da literatura, que contempla os principais estudos nos quais nos baseamos para a criação de nosso envelope de variação. Na sequência, passamos ao detalhamento dos procedimentos metodológicos empregados em nossa coleta de dados até seu processamento pelo programa *GoldVarb X*. Por fim, analisamos os resultados alcançados e apresentamos as considerações acerca do fenômeno.

1 O artigo definido diante de antropônimos

Para a compreensão geral do que propomos estudar, faz-se importante tratar de dois elementos, que são as bases de nossa investigação: o artigo definido e os antropônimos. Para Castilho (2014, p. 489), “O artigo é um marcador pré-nominal, átono, associado necessariamente ao substantivo, com o qual constitui um vocábulo fonético”.

Apesar de alguns autores, como o próprio Castilho (2014), se posicionarem contra a divisão dos artigos em definidos (o, a, os, as) e indefinidos (um, uma, uns, umas)², muitos gramáticos admitem essa categorização (Bechara, 2009; Ro-

1 Apesar de acreditarmos que essa variável não agirá sobre o fenômeno, optamos por testá-la por ela ser constituinte do banco de dados NORPOFOR, assegurando a nossa hipótese.

2 Castilho (2014, p. 489-490) defende que: “As primeiras gramáticas registravam apenas as formas definidas o, a, os e as. A subdivisão ocorreu no século XIX, aparentemente por algum critério semântico. Testes sintáticos não sustentam essa subdivisão. (...) Esses testes demonstram que o chamado artigo indefinido um/uma é na verdade um pronome”.

cha Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017), por entenderem que essa classe morfológica trabalha em dois vieses: determinando ou indeterminado o substantivo acompanhado, indicando o gênero e o número. Pelo recorte metodológico de nossa pesquisa abranger apenas os definidos, não entramos no mérito da discussão.

Para Bechara (2009), os artigos definidos precedem os substantivos e desempenham, principalmente, a função de adjunto desses. Quanto a sua função, o determinante identifica o objeto designado pelo nome ao qual se liga, podendo delimitá-lo. Rocha Lima (2011), em concordância com Castilho (2014), admite a posição anterior do artigo ao substantivo. A união dessas duas classes aponta a especificação de um ser dentre outros de sua espécie.

Os antropônimos são o segundo sustentáculo para a compreensão do fenômeno que nos propomos a analisar. O estudo linguístico dos nomes próprios, que abarca a antroponímia (nomes das pessoas), a toponímia (nomes dos lugares), a astronímia (nomes dos astros), por exemplo, denomina-se onomástica. Nosso estudo, por sua vez, centra-se nos antropônimos. Sobre essa categoria, Câmara Júnior (1984) defende que:

Geralmente o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí, se destaca o prenome, que é o nome próprio individual, e o sobrenome, que situa melhor o indivíduo em função da sua procedência geográfica, da sua profissão, da sua filiação, de uma qualidade física ou moral de uma circunstância de nascimento (Câmara Júnior, 1984, p. 53-54).

Amaral (2011) afirma que, por ser heterogênea, a classe dos antropônimos compreende diversas possibilidades de classificação, por isso, até o presente momento, não há consenso entre os pesquisadores que se debruçam sobre o assunto. A complexidade em padronizar as divisões dessa categoria decorre das diversas possibilidades de realização, prenome simples (José), sobrenome (Santos), nome artístico (Gugu)³, dentre outros.

Ao cruzarmos essas duas categorias elencadas, temos o nosso fenômeno: a realização do artigo definido diante de antropônimos. Acerca disso, a gramática normativa, de modo geral, não admite a presença do artigo diante de nomes de pessoas. Bechara (2009, p. 155, grifo nosso), por exemplo, ressalta que “O uso mais frequente, na linguagem culta, tendo em vista o valor já de si individualizante, *dispensa* o artigo junto a nomes próprios de pessoas, com exceção dos que se

3 Com exceção do nome artístico, todos os outros exemplos foram criados com o objetivo de ilustração.

acham no plural”. O único contexto em que os autores (Bechara, 2009; Rocha Lima, 2011; Cunha; Cintra, 2017) admitem essa utilização é como índice da proximidade entre o interlocutor e o referente do antropônimo. Para eles, o uso do artigo frente ao nome de pessoa denota familiaridade. Entretanto, atualmente, o que se tem visto é que a presença do artigo nesse contexto vem se multiplicando, ampliando sua aceção, não ficando restrito apenas ao critério da afetividade. Assim, mesmo sendo o seu uso desnecessário em sintagmas antropônimos, ele vem sendo utilizado, com bastante frequência, o que aponta para um fenômeno em plena variação.

Na próxima seção, apresentamos as investigações, de cunho variacionista, que foram basilares para o desenvolvimento desta pesquisa.

2 Revisão de literatura

Farias e Dias (2017) investigaram o uso variável do artigo definido frente a antropônimos em duas cidades mineiras, Ponte Nova e Ouro Branco. Para isso, coletaram dados de 16 informantes de duas faixas etárias, jovens (18 a 24 anos) e adultos (40 a 60 anos), e de dois sexos (masculino e feminino). O objetivo de deixar um espaço em branco entre as duas faixas era de flagrar resultados bastante contrastantes, pois, dessa forma, haveria uma “maior chance de apreendermos diferenças no uso das variantes, caso existam essas diferenças” (Farias; Dias, 2017, p. 56). As autoras concluíram que o padrão de fala de moradores das duas cidades diverge, pois, enquanto em Ponte Nova os falantes privilegiam a ausência do determinante (80%), em Ouro Branco, o uso prevaleceu (54%). E mais, elas chamam atenção para o fato de não haver demarcada diferença entre as duas formas linguísticas em Ouro Branco, uma vez que os valores percentuais não foram discrepantes.

Já Lima e Moraes (2019) examinaram o fenômeno em tela a partir de dados retirados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Os autores analisaram o padrão de fala de 48 informantes, de seis capitais do norte brasileiro, com exceção de Palmas. A partir dos resultados obtidos, puderam constatar que todas as capitais ora analisadas mantêm um comportamento homogêneo, favorecendo o uso do artigo frente a antropônimos. Para eles, este comportamento aproxima a região Norte das regiões Sul e Sudeste e a afasta da região Nordeste brasileira. Lima e Moraes (2019) justificam esse pensamento com o trabalho de Callou e Silva (1997), que afirmam que “quanto mais antiga a colonização, menor o percentual de uso do artigo” (Callou; Silva, 1997. p. 22). Mais à frente, debatemos sobre

essa ideia, que acreditamos divergir nas cidades nordestinas.

Por sua vez, Oliveira (2021) centrou sua investigação no falar recifense ao examinar a variação do artigo definido diante dos nomes de pessoas em uma amostra composta por 12 informantes, estratificados em sexo (masculino e feminino) e em faixa etária (18 a 35 anos e acima de 35 anos). Assim como apontado por Callou e Silva (1997) e já esperado pela autora, na comunidade de fala em questão, prevaleceu a ausência do artigo frente a antropônimos (63,6%), em oposição à minoria, que privilegiou o uso (36,4%).

As primeiras investigações acerca do fenômeno do uso do artigo definido frente a antropônimos em Fortaleza são recentes. A primeira, de Souza, Alves e Araújo (2020), teve como foco um único tipo de nome de pessoa, o prenome simples, “ou o primeiro nome, o antropônimo que antecede o sobrenome” (Amaral, 2011, p. 70) e ambientou-se na comunidade de fala popular. Para tanto, as autoras coletaram dados de 24 informantes no tipo de registro DID - NORPOFOR. A partir da análise geral, Souza, Alves e Araújo (2020) concluíram que o padrão de fala da comunidade em questão é a presença do artigo, com valor de 56,3%, contra 43,7% para a ausência.

Resultado similar foi o encontrado por Souza, Alves e Araújo (2021) em investigação centrada na comunidade culta fortalezense. Nesse estudo, as autoras analisaram 24 entrevistas do PORCUFORT (fases I e II), *corpus* formado apenas por falantes com nível superior completo. Assim como em sua pesquisa centrada na fala popular, as autoras focalizaram um tipo apenas de nomes de pessoas: o prenome simples. A análise dos dados apontou a frequência geral de uso, com valores de 62,5% para a presença, e 37,5% para a ausência do determinante frente a antropônimos.

Por conseguinte, a pesquisa de Lé (2021), na fala culta fortalezense, também se utilizou de dados retirados do PORCUFORT, com uma amostra constituída por 18 informantes do tipo de registro DID. Diferentemente das pesquisas anteriores, a autora ampliou sua investigação, examinando o uso linguístico dos falantes cultos fortalezenses diante do artigo definido frente aos mais variados tipos de antropônimos. Mais uma vez, os resultados convergiram: a regra suplantou a ausência, 69% e 31%, respectivamente.

Por fim, detemo-nos nos resultados apresentados por Almeida (2023), que realizou um estudo em tempo real acerca do uso do artigo definido diante de antropônimos e de pronomes possessivos em duas amostras do PORCUFORT, fases I e II. O seu recorte foi formado por 36 informantes, todos com nível superior

completo, e o tipo de inquérito, assim como nas pesquisas anteriores, foi o DID. Dentre todos os trabalhos citados acerca da cidade de Fortaleza, o de Almeida (2023) foi o único que trabalhou com uma ferramenta estatística diferente, o R e o R *Studio*. Concluiu a pesquisadora que a variante mais utilizada na comunidade culta fortalezense é a presença do artigo definido, em ambos os contextos. No âmbito dos antropônimos, Almeida (2023) apresentou os seguintes dados percentuais para a presença: 65,96% na fase I e 83,53% na fase II.

Os resultados das pesquisas ambientadas em Fortaleza até então demonstram que o padrão de uso dos falantes difere do comportamento linguístico de outros nordestinos, conforme apontado por Callou e Silva (1997). Em estudo, com dados do NURC, os autores apontaram que, em Recife e em Salvador, há a predileção pela omissão do artigo frente a antropônimos, diferentemente do que acontece na capital cearense. Apesar de haver expressivos estudos na comunidade fortalezense, há, ainda, espaços a serem preenchidos, como o proposto em nossa investigação: a análise do uso variável do artigo definido diante dos diversos tipos de antropônimos na comunidade de fala popular fortalezense.

3 Metodologia

3.1 Corpus e amostra

Nossa pesquisa caracteriza-se por ser de natureza aplicada. Por analisar a amostra sob um viés quantitativo, objetivamos a descrição do português popular fortalezense. Para isso, fizemos uso do *Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – CE* (NORPOFOR), um banco de dados de língua falada que, elaborado com base nos fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, teve como propósito formar um *corpus* que refletisse a comunidade de fala popular fortalezense (Araújo; Viana; Pereira, 2018).

Quanto a sua constituição, é formado por 196 participantes, que atendem aos seguintes critérios: ter nascido em Fortaleza ou ter se mudado para a cidade antes dos cinco anos de idade; não ter ficado fora da cidade por mais de 2 anos consecutivos; ter pais naturais do Ceará (Araújo; Viana; Pereira, 2018). Quanto à estratificação, é subdividido em 4 variáveis sociais: *sexo* (masculino e feminino), *faixa etária* (15-25 anos, 26-50 e 51 anos ou mais), *nível de escolaridade* (nenhuma a 4 anos, 5-8 e 9-11 anos) e *tipo de registro* (Diálogo entre Informante e Documentador - DID, Diálogo entre Dois Informantes - D2 e Elocução Formal - EF).

Em nossa amostra, trabalhamos com 2 informantes por célula, totalizan-

do 24 participantes. Visualizemos, abaixo, o quadro ilustrativo da distribuição dos informantes:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes do NORPOFOR na nossa amostra

	Sexo			
	Masculino		Feminino	
Escolaridade/ Faixa etária	0-4 anos	9-11 anos	0-4 anos	9-11 anos
I (15 a 25 anos)	2	2	2	2
II (26 a 50 anos)	2	2	2	2
III (a partir de 51 anos)	2	2	2	2
Total	24			

Fonte: Adaptado de Araújo, Viana e Pereira (2018, p. 22).

Operamos, em nossa pesquisa, alguns procedimentos metodológicos. Insta esclarecer que eliminamos o nível intermediário da variável *escolaridade*, assim como 2 tipos de registros que formam o NORPOFOR, D2 e EF. Esses recortes foram realizados para aproximar nossas análises às de Souza, Alves e Araújo (2020; 2021), uma vez que as autoras adotaram tais medidas. No que tange ao nível de instrução, ao retirar a faixa central, objetivava-se “observar as diferenças bem demarcadas dentro desta variável” (Souza; Alves; Araújo, 2020, p. 217). Já em relação ao tipo de registro selecionado, as autoras justificaram sua escolha pelo fato de o DID ser o tipo de registro que se encontra no nível intermediário de formalidade, ou seja, não é tão informal quanto uma conversa entre dois amigos, como o D2, nem tão monitorado como em uma situação de alta formalidade, como o EF. Além disso, Souza, Alves e Araújo (2020, p. 217) apontam para o fato de o DID “apresentar características do vernáculo, isto é, um falar mais natural”, uma vez que o entrevistador lança mão da técnica de narrativa de experiência pessoal para envolver o falante e flagrar dados reais de fala (Labov, 2008).

Passemos ao exame das variáveis e aos procedimentos seguidos durante a coleta.

3.2 Variáveis, coleta de dados e programa estatístico

Este trabalho objetivou analisar o uso variável, presença ou ausência, do artigo definido frente a antropônimos na fala popular fortalezense. Dessa forma, a variável dependente investigada em nosso trabalho constituiu-se como binária. Nessa análise, definimos que o fator de aplicação é a presença do artigo. Importa mencionar que contextos em que o nome de pessoa aparecia com a função sintática de vocativo foram excluídos, uma vez que é categórica, nessa situação específica, a não realização do fenômeno.

Nossa pesquisa se difere da de Souza, Alves e Araújo (2020) em dois aspectos. Primeiramente, ampliamos o nosso recorte. Enquanto as autoras analisaram apenas um tipo de antropônimo, o prenome simples, que se refere a um ser único, individual, nossa coleta, por sua vez, abrangeu todos os tipos de nomes de pessoas e suas possíveis combinações. Isso nos conduziu ao segundo aspecto, a incorporação da forma plural do determinante (os e as). O entrecruzamento desses aspectos nos levou a supor ser possível o aparecimento do artigo em sua forma plural, em que um sobrenome é usado para nomear um grupo de pessoas, como em “os Silvas”⁴, entretanto, não houve nenhuma ocorrência de casos como esse.

Para selecionarmos as variáveis independentes que foram investigadas em nossa pesquisa, levamos em consideração trabalhos anteriores, principalmente o de Souza, Alves e Araújo (2020). Essa escolha se justifica pelo fato de que a nossa investigação se dá na mesma comunidade de fala que a das autoras, embora com um recorte mais amplo. Assim, os resultados delas servirão como métrica para a comparação de nossos resultados.

Acerca de nossas variáveis extralinguísticas, elegemos quatro. Além das três escolhidas, *a priori*, por serem constitutivas do próprio NORPOFOR, sexo (masculino e feminino), *escolaridade* (0-4 anos e 9-11 anos) e *faixa etária* (faixa I, faixa II e faixa III), também controlamos a *proximidade do enunciador com o referido pelo SN* (próximo/íntimo do informante, conhecido do informante e conhecido a nível nacional/internacional).

4 Exemplo hipotético criado pelas autoras para exemplificação.

No que tange às variáveis linguísticas, assim como as sociais, foram selecionadas com base na revisão de literatura. Isso posto, foram eleitas sete a serem testadas: *tipo de preposição* (com, de, a, em, para, por, até, sobre e contexto não preposicionado)⁵, *status informacional* (novo e retomado), *gênero do antropônimo* (masculino e feminino), *quantidade de palavras do SN* (uma, duas e três ou mais palavras), *tipo de antropônimo* (prenome simples, prenome + prenome, prenome + sobrenome, prenome adjetivado, prenome mediado por preposição, sobrenome, nome artístico, apelido, apelido adjetivado, apelido + nome e sigla), *tipo de relato* (original e reportado) e *título* (com ocorrência e sem ocorrência).

Após a delimitação da amostra e munidas do envelope de variação, passamos à fase de coleta dos dados. Aliamos à escuta integral dos 24 inquéritos DID a leitura das transcrições. Apesar de todos os inquéritos do NORPOFOR se encontrarem totalmente transcritos, para uma coleta acurada e segura, preferimos fazer, também, a audição completa das entrevistas. Essa escolha explica-se, primeiramente, porque, nas transcrições, os nomes próprios são suprimidos, sendo identificados apenas pela primeira letra, para que o sigilo do informante seja mantido e assegurado. Dessa forma, não seria possível classificar o tipo de antropônimo, se prenome simples, se sobrenome, como também não seria possível determinar o gênero do antropônimo, nos contextos em que não houvesse o acompanhamento do determinante. Em segundo lugar porque uma das variáveis que controlamos, *proximidade entre informante e o referido pelo SN*, diz respeito ao nível de conhecimento entre o informante e a *persona* a quem o antropônimo se refere. Para classificar os fatores dessa variável, depreendendo o nível de intimidade dentro daquela relação, analisamos o contexto em que o nome era citado, por meio de elementos que só são possíveis identificar mediante a escuta das gravações, como o tom de voz e a entonação empregadas pelo informante.

Segundo Pereira (2017), o fenômeno em tela não é estigmatizado, não sendo necessário desprezar os minutos iniciais, *práxis* tão comum nas pesquisas sociolinguísticas, que objetiva acessar a fala mais natural. Entretanto, não descartamos o início da entrevista. Pelo contrário, ouvimos a gravação integralmente para assegurar que o antropônimo ainda não tivesse aparecido no tópico discursivo. Esse passo foi primordial, pois controlamos, também, a variável *status infor-*

5 Tanto os fatores da variável tipo de preposição como do tipo de antropônimo apenas foram listadas após a coleta dos dados, pois não seria produtivo inserir, no envelope de variação, fatores que poderiam não aparecer.

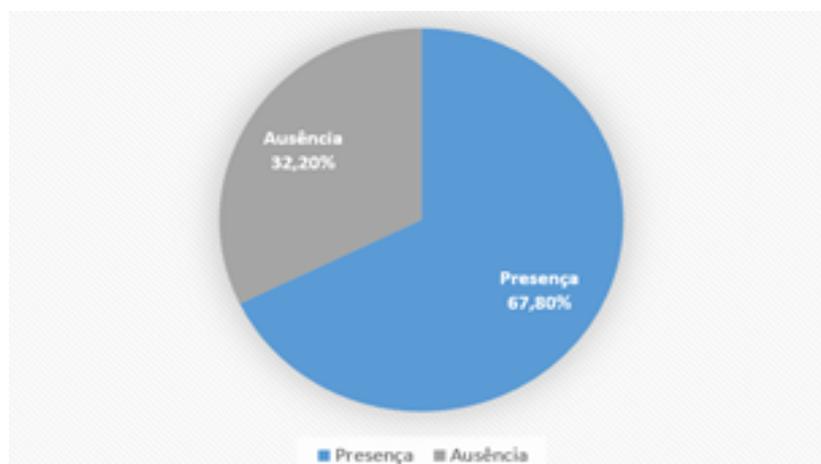
macional, que diz respeito à classificação do nome como “novo”, ao ser citado a primeira vez, ou “retomado”, em todas as outras vezes em que é mencionado.

Isso posto, posteriormente à coleta, que nos rendeu um total de 599 dados, passamos à etapa de codificação, utilizando letras, números e símbolos, e, por fim, processamo-los no *GoldVarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). É sabido que o programa R tem despontado nas pesquisas sociolinguísticas atuais, principalmente quando se fala em rodadas ternárias. Optamos por trabalhar com o *GoldVarb X*, porque foi o programa utilizado nas pesquisas de Souza, Alves e Araújo (2020; 2021), as quais servirão de base para a nossa análise comparativa dos dados. Dessa maneira, ao utilizar o mesmo programa que as autoras, garantimos uma homogeneidade em todas as etapas. Apresentamos, a seguir, a frequência de uso do artigo definido no contexto em estudo e as variáveis apontadas como relevantes.

4 Análise de dados

Após o processamento de todos os 599 dados coletados, o *GoldVarb X* apontou, inicialmente, 5 nocautes: dois fatores da variável *tipo de antropônimo*, “prenome mediado por preposição” e “sigla” e três fatores da variável *tipo de preposição*, sendo eles “por”, “sobre” e “até”. Realizamos, então, uma nova rodada, desconsiderando os fatores nocauteados. A partir dela, o programa nos forneceu os resultados que passamos a tratar a seguir. Observemos o gráfico da frequência geral de uso do artigo em nossa amostra:

Gráfico 1 - Frequência de presença e ausência de artigo definido diante de antropônimo em nossa amostra



Fonte: elaborado pelas autoras.

De acordo com o programa computacional, das 599 ocorrências, 406 (67,8%) corresponderam ao uso do artigo definido diante de antropônimo, enquanto 193 (32,2%) demarcaram a ausência do artigo no contexto em estudo. Esse resultado está em consonância ao que Souza, Alves e Araújo (2020), em seu estudo centrado apenas em prenome simples, concluíram, uma vez que nossos resultados se aproximaram dos delas (56,3% para a presença, contra 43,7% para a ausência). Assim, podemos entender que a comunidade de fala popular fortalece o uso do artigo definido diante das vastas classificações que os antropônimos podem apresentar.

A partir da análise da rodada geral, o programa indicou o run 50, com *input* de 0.732 e *significance* de 0.014 como o mais pertinente para análise. Dentre os onze grupos de fatores controlados, o *GoldVarb X* selecionou seis variáveis como significativas, sendo apenas uma social e cinco linguísticas, listadas, a seguir, em ordem de importância: *proximidade do enunciador com o referido pelo SN, tipo de preposição, status informacional, gênero do antropônimo, quantidade de palavras do SN e tipo de antropônimo*. Cinco variáveis não foram consideradas relevantes no contexto analisado, sendo elas: *sexo, faixa etária, escolaridade, tipo de relato e título*. Analisemos, a seguir, as variáveis selecionadas.

4.1 Proximidade do enunciador com o referido pelo Sintagma Nominal

A primeira variável selecionada em nossa análise, intitulada *proximidade do enunciador com o referido pelo SN*, diz respeito ao nível de intimidade existente entre o informante e a pessoa a quem o antropônimo se refere. Essa variável é composta por três fatores, elencados em uma gradação que vai do mais íntimo para o menos íntimo. Analisemos, na tabela abaixo, os resultados obtidos.

Tabela 1 - Atuação da variável proximidade do enunciador com o referido pelo SN na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.
Próximo do informante	231/281	82,2	0.860
Conhecido do informante	78/98	79,6	0.779
Conhecido a nível nacional/internacionalmente	97/220	44,1	0.053

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dentre os três fatores, o “muito próximo do informante” aponta para o maior grau de intimidade entre informante e referente do antropônimo. Ele despontou como o mais favorecedor do uso do artigo definido diante de nomes de pessoas, com um peso relativo de 0.860. O outro fator também apontado como privilegiador do fenômeno foi o “conhecido do informante”, com P.R. significativo, no valor de 0.779. Nesse tipo de relação, as pessoas se conhecem, até podem conviver diariamente, como em um ambiente de trabalho, mas não há uma relação tão íntima como numa interação entre dois melhores amigos, por exemplo. Por fim, o único fator que se mostrou inibidor do fenômeno foi o “conhecido a nível nacional/internacional”, com peso relativo de 0.053. Esse fator se refere a personalidades, pessoas que são amplamente conhecidas e com quem, muito provavelmente, o informante não interage pessoalmente.

Os resultados obtidos em nossa análise assemelham-se aos de Souza, Alves e Araújo (2020), pois, dentre todas as variáveis testadas, a *proximidade* também foi apontada como a mais relevante no trabalho das autoras. De igual modo, os dois fatores que estabelecem um maior nível de familiaridade (muito próximo do informante e conhecido do informante) também foram os que se mostraram favorecedores do artigo, enquanto o fator “conhecido a nível nacional/internacional” inibiu a realização do fenômeno. O que percebemos, então, é que o falante demarca discursivamente para o interlocutor o grau de proximidade com a presença ou ausência do determinante.

4.2 Tipo de preposição

Em segundo lugar, eleita pelo *GoldVarb X*, está a variável *tipo de preposição*. Como já mencionado, os fatores que compuseram essa variável foram selecionados a partir da coleta de dados. Essa definição foi tomada porque, assim como Souza, Alves e Araújo (2020), também acreditamos ser mais produtivo analisar preposições que apareceram nas entrevistas sociolinguísticas, não sendo frutuoso inserir, no envelope de variação, fatores que sequer foram citados uma única vez.

Isso posto, formaram essa variável nove fatores: com, de, a, em, para, por, sobre, até e contexto não preposicionado. Em uma primeira rodada, três tipos de preposição sofreram nocautes (por, sobre e até), ou seja, os fatores corresponderam a “uma frequência de 0 a 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Assim sendo, os fatores “por” (4 dados), “até” (1 dado) e

“sobre” (1 dado) apresentaram-se como contextos categóricos, os dois primeiros para a presença do artigo definido e o terceiro para a ausência, não havendo variação da variável dependente. Para a análise ora apresentada, desprezamos os fatores nocauteados, mas preservamos suas ocorrências. Após os devidos ajustes quanto aos nocautes, passemos à observação da tabela a seguir.

Tabela 2 - Atuação da variável *tipo de preposição* na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.	Ilustração
com	231/281	86,4	0.878	foi ele com a L. (NORPOFOR, DID, 62)
de	78/98	84,0	0.858	esse aí é filho do R. (NORPOFOR, DID. 20)
a	97/220	20,0	0.852	perguntaram a J. (NORPOFOR, DID, 22)
em	17/19	89,5	0.826	eu trabalhei quinze anos na dona N. (NORPOFOR, DID, 06)
para	8/10	80,0	0.738	ele disse pra V. (NORPOFOR, DID. 34)
contexto não preposicionado	287/451	63,6	0.367	o nome dele é Ø A. (NORPOFOR, DID, 22)

Fonte: elaborada pelas autoras.

Como apontado acima, dos seis fatores analisados, cinco se mostraram privilegiadores do fenômeno, a saber: com (0.878), de (0.858), a (0.852), em (0.826) e para (0.738). Apenas o “contexto não preposicionado” desfavoreceu o aparecimento do artigo definido diante de antropônimos, com peso relativo de 0.367. Esse resultado vai ao encontro do obtido por Souza, Alves e Araújo (2020), uma vez que os mesmos fatores foram apontados como favorecedores do fenômeno na análise das autoras. De igual modo, o único fator apontado como inibidor da regra foi o mesmo, tanto em nossa análise, que abarcou todos os tipos de nomes de pessoas, quanto na delas, em que se analisou apenas prenomes simples.

Inicialmente, acreditávamos que as preposições aglutinadoras, que se contraem aos artigos, seriam mais aliadas à regra. Contudo observamos que os pesos relativos das preposições, de um modo geral, estão muito próximos, o que

pode conduzir à ideia de que o que está favorecendo o uso do artigo é a presença da preposição, independente de qual seja ela. A terceira variável indicada foi *status informacional*. Vejamos, abaixo, a sua atuação no fenômeno em tela.

4.3 Status informacional

A terceira variável selecionada foi *status informacional*, constituída por dois fatores, “novo” e “retomado”. Era classificado como “novo” a primeira vez que o antropônimo aparecia no diálogo; como “retomado”, todas as ocorrências em que o nome de pessoa reaparecia durante a entrevista sociolinguística. Visualizemos a atuação dessa variável:

Tabela 3 - Atuação da variável *status informacional* na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.
Retomado	223/330	67,6	0.573
Novo	183/269	68,0	0.411

Fonte: elaborada pelas autoras.

Acerca da variável *status informacional*, o programa assinalou o fator “retomado” como favorecedor do uso do artigo definido diante de antropônimos no falar popular fortalezense, com um peso relativo não muito significativo, com valor de 0.573. Como já mencionado, Pereira (2017) aponta para o fato de o fenômeno não ser estigmatizado, o que descarta a necessidade de desprezar os minutos iniciais dos inquéritos, que, normalmente, são os mais monitorados. Entretanto, mesmo se essa metodologia fosse aplicada ao nosso trabalho, em que coletaríamos dados após 10 ou 15 minutos de gravação, ainda assim seria necessário considerar, para a classificação dos dados como “novo” ou “retomado”, a gravação de forma integral, pois o antropônimo poderia já ter sido citado nesse recorte inicial. Quanto aos resultados apresentados, há bastante semelhança ao de Souza, Alves e Araújo (2020), pois os dois fatores tenderam muito mais à neutralidade que a um favorecimento ou desfavorecimento do fenômeno (Souza; Alves; Araújo, 2020, p. 229). Passemos à análise da quarta variável.

4.4 Gênero do antropônimo

A quarta variável apontada pela ferramenta analítica foi *gênero do antropônimo*, composta por dois fatores, “feminino” e “masculino”. Abaixo podemos visualizar a atuação dessa variável no contexto em análise.

Tabela 4 - Atuação da variável *gênero do antropônimo* na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.
Feminino	130/157	82,8	0.629
Masculino	276/442	62,4	0.453

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dentre os dois fatores constituintes dessa variável, o “feminino” despontou como favorecedor do uso do artigo, com P.R. de 0.629, enquanto o “masculino” agiu como inibidor do determinante, com P.R. de 0.453. Esse resultado foi dissonante do de Souza, Alves e Araújo (2020; 2021), pois, nos trabalhos das autoras, tanto na fala popular quanto na culta, essa variável não foi selecionada. Já nas investigações de Lé (2021) e de Almeida (2023), o *gênero do antropônimo* sequer foi controlado.

Em busca de entender esse resultado, encontramos a pesquisa de Campos Júnior (2011), que, de forma intuitiva, hipotetizou haver relação entre o gênero do antropônimo e a utilização do artigo. Para ele, as palavras femininas inibiam o uso do artigo, entretanto, o autor encontrou resultado oposto, em que o feminino era o favorecedor do contexto. Nosso resultado se aproximou ao de sua pesquisa, que obteve valores de 0.610 para o gênero feminino e 0.440 para o masculino. Observamos, igualmente a Campos Júnior (2011), que essa diferença entre os gêneros não é tão polarizada na comunidade de fala popular fortalezense, e reiteramos que: “Até o presente momento, vale dizer, não foram identificadas evidências que justificassem essa distinção” (Campos Júnior, 2012, p. 79).

4.5 Quantidade de palavras do Sintagma Nominal

A penúltima variável selecionada, *quantidade de palavras do SN*, diz respeito ao número de palavras que formam o sintagma nominal, com exceção do artigo definido, isto é, contabiliza-se, para efeito de classificação, também o antropônimo, como nas ilustrações abaixo. Observemos como essa variável, composta por três fatores (uma, duas e três ou mais palavras), exerce influência sobre o fenômeno em estudo.

Tabela 5 - Atuação da variável *quantidade de palavras do sintagma nominal* na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.	Dado
uma	235/341	68,9	0.642	rapaz, tem o L. , que é oficineiro (NORPOFOR, DID, 20)
três ou mais	48/71	67,6	0.320	e hoje é coordenadora pelo S. C. (NORPOFOR, DID, 20)
duas	123/187	65,8	0.314	esse aí é o filho do R. (NORPOFOR, DID, 20)

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dentre os três fatores, apenas o “uma”, ou seja, o sintagma com a menor quantidade de palavras, despontou como aliado à regra, com P.R. de 0.642. Os outros fatores, “três” (0.320) e “duas” (0,314), figuraram como desfavorecedores do fenômeno, com pesos relativos quase iguais. Em nossa análise, concluímos que isso ocorre, pois sintagmas com duas, três ou mais palavras possuem uma maior carga informacional, assim, não sendo necessário que o artigo se realize para especificar o antropônimo. Já sintagmas formados apenas pelo antropônimo recebem artigos para agregar as informações de gênero e número, não especificadas em outros elementos, como, por exemplo, pronomes possessivos. Nossa análise mostrou-se congruente com a de Souza, Alves e Araújo (2020). Entretanto, na investigação das autoras, o fator que designa o maior sintagma nominal, “três ou mais” palavras, foi o que se delineou como o maior inibidor do uso do artigo no contexto analisado.

4.5 Quantidade de palavras do Sintagma Nominal

Por fim, a última variável selecionada foi *tipo de antropônimo*. Assim como operamos em *tipo de preposição*, também elencamos os fatores referentes a essa variável a partir da coleta de dados. Inicialmente, dois fatores apresentaram nocautes, apresentando-se como contextos categóricos, sendo eles “prenome mediado por preposição” e “sigla”. De igual modo, desprezamos as ocorrências referentes a esses dois fatores e realizamos nova rodada.

Tabela 6 - Atuação da variável *tipo de antropônimo* na presença do artigo definido diante de antropônimos na amostra analisada

Fator	Aplica/Total	%	P.R.
sobrenome (i.e. Silva)	29/31	93,5	0.979
nome artístico (i.e. Gugu)	66/101	65,3	0.948
prenome + prenome (i.e. João Pedro)	7/8	87,5	0.805
prenome simples (i.e. João)	260/380	68,4	0.300
prenome + sobrenome (i.e. João Silva)	11/26	42,3	0.275
Apelido (i.e. Joãozinho)	23/29	79,3	0.243
apelido adjetivado (i.e. Joãozinho do fusca)	1/2	50,0	0.220
prenome adjetivado (i.e. João do fusca)	5/12	41,7	0.129
apelido + nome (i.e. Chico Antônio) ⁶	3/8	37,5	0.087

Fonte: elaborada pelas autoras.

Dos nove fatores que compuseram a variável *tipo de preposição*, apenas três se apresentaram como favorecedores do fenômeno: “sobrenome” (0.979),

6 Para garantir o sigilo dos informantes, as transcrições apresentam apenas a letra inicial dos antropônimos citados na entrevista. Uma vez que não é possível classificar essa variável exclusivamente por uma letra, optamos por criar os exemplos apresentados acima.

“nome artístico” (0.948) e “prenome + prenome” (0.805). Todos os outros fatores inibiram o aparecimento do artigo, chamando-nos a atenção, principalmente, o “prenome simples” (0.300) e o “apelido” (0.243), uma vez que, a nosso ver, esses tipos de nomes de pessoas são usados quando se tem um alto grau de intimidade com o referido pelo SN, o que, de acordo com a variável *proximidade*, privilegiaria esse uso.

Esse resultado foi similar ao encontrado por Oliveira (2021), uma vez que “sobrenome”, com peso relativo bastante significativo (0.920) e “nome artístico”, que, em seu trabalho, tinha como nomenclatura “nome de palco” (0.662), se mostraram aliados à regra, enquanto prenome (0.483) figurou como inibidor do determinante. Uma possibilidade para esse resultado pode ser a necessidade de particularizar um ser dentre todos os outros que fazem parte da família a quem o sobrenome se relaciona. Assim, não nos referimos a todos os integrantes da família Silva, mas a um em particular, ao Silva, por exemplo. Como Souza, Alves e Araújo (2020; 2021) analisaram apenas os prenomes simples, essa variável não foi controlada.

Considerações Finais

A presente investigação objetivou analisar o uso variável do artigo definido diante de antropônimos na comunidade de fala popular fortalezense. Para isso, contamos com uma amostra composta por 24 informantes, retirados do banco de dados NORPOFOR, do tipo de inquérito DID.

Foram selecionados 599 dados, dos quais 67,8% demarcaram a presença do artigo diante de antropônimos e 32,2% a ausência. As pesquisas anteriores, como a de Souza, Alves e Araújo (2020; 2021), de Lé (2021) e de Almeida (2023), já apontavam esse comportamento linguístico da comunidade fortalezense. A partir dessas investigações, podemos concluir que o padrão de fala fortalezense, tanto culto quanto popular, é o uso do artigo.

Os resultados obtidos são muito interessantes, quando, principalmente, contrastados com as pesquisas iniciais desse fenômeno na região Nordeste. Callou e Silva (1997, p. 22) defendem a hipótese de que “quanto mais antiga a colonização, menor o percentual de uso do artigo”. Partindo desse pressuposto, a hipótese das autoras se confirma, uma vez que Fortaleza, fundada em 1726, é quase 200 anos mais jovem que Recife, fundada em 1537.

Contudo, fazemos a ressalva de não homogeneizar os resultados obtidos

para todo o Nordeste, uma vez que poucas comunidades da região foram investigadas até o presente momento. Partindo de observações sistemáticas, o que as pesquisas têm nos mostrado até então é que algumas comunidades privilegiam a ausência, enquanto outras favorecem a presença, por isso faz-se importante que as investigações sejam cada vez mais minuciosas, para que não realizemos generalizações que não se aplicam.

Em relação às variáveis, dentre as onze testadas, seis foram selecionadas. Quanto às extralinguísticas, apenas a *proximidade do informante com o SN* foi eleita como relevante pelo *GoldVarb X*. *Faixa etária, escolaridade e sexo* não apresentaram influência sobre o fenômeno em tela, o que nos conduz a concluir que os condicionamentos sociais não se destacam na aplicação da regra analisada. Quanto às linguísticas, foram indicadas, pela ferramenta analítica, as seguintes, na ordem de relevância: *tipo de preposição, status informacional, gênero do antropônimo, quantidade de palavras do SN e tipo de antropônimo*. Já *tipo de relato e título* não agiram como condicionadoras da realização do determinante.

Ressaltamos que, apesar de já haver bastantes pesquisas na comunidade fortalezense, ainda não se esgotaram as possibilidades de estudo acerca desse fenômeno. Sugerimos, para pesquisas futuras, uma análise mais profunda do contexto preposicionado. Possivelmente, uma análise que foque, exclusivamente, os fatores “com preposição” e “sem preposição” seria indicativa do papel da preposição, de forma geral, sobre a realização variável do artigo definido. Outra sugestão diz respeito à variável *tipo de antropônimo*. Acreditamos que seria interessante realizar uma rodada para uniformizar os diversos fatores em apenas três grupos: nome simples (prenome simples, apelido simples e nome artístico simples), nome composto (prenome composto, prenome + sobrenome, apelido composto, nome artístico composto, apelido + nome, prenome mediado por preposição, prenome adjetivado, apelido adjetivado) e sobrenome (sobrenome e sigla). A partir dessa análise, poderemos ver a contraposição do fator sobrenome, que foi um grande favorecedor do artigo com os nomes simples, que, contrário a nossa crença, agiram como inibidores.

Parece-nos que os municípios da região do Cariri, interior do Ceará, mantêm um comportamento linguístico similar ao da comunidade recifense, ambas optando pela omissão do determinante. Isso se dá, possivelmente, pela estreita relação entre essas comunidades no passado (Oliveira, 2022). Desse modo, para compreendermos mais a comunidade cearense e, por consequência, a nordestina, seriam desejáveis investigações realizadas em suas demais localidades, para

ser possível afirmar a pluralidade desse fenômeno.

Referências

- ALMEIDA, B. K. M. de. **O artigo definido diante de antropônimos e pronomes possessivos na fala culta de Fortaleza – CE**: um estudo em tempo real sob a ótica da Sociolinguística Variacionista. 2023. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.
- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. **Alfa**, São Paulo, n. 55, p. 63-82, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4168>. Acesso em: 28 mai. 2024.
- ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). O Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 8, n. 24, p. 174-198, jun. 2018. ISSN 2178-1486. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51933/1/2018_art_aaraujorbmviana.pdf. Acesso em: 15 mai. 2024.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CALLOU, D; SILVA, G. M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. In: HORA, D. da (org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 11-27.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CAMPOS JÚNIOR, H. S. **A variação morfossintática do artigo definido na capital**. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/83ecaa3c-10d8-447b-b7d2-321f11962b0c/content>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- CAMPOS JÚNIOR, H. S. A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 2, n. 5, p. 21-39, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3178/2845>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.
- IÉ, E. **Um estudo variacionista sobre o uso do artigo definido diante de antropônimos no falar culto de Fortaleza - Ce**. 2021. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2021/07/DISSERTA%C3%87%C3%83O_EDINA-1%C3%89.pdf. Acesso em: 11 mai. 2024.
- FARIAS, G. C. dos S.; DIAS, M. R. O artigo definido diante de antropônimo: um estudo comparativo entre as cidades mineiras de Ponte Nova e Ouro Branco. **Revista Caletrosópio**, v.5, n. 8, p.

51-68, jan.-jun. 2017. ISSN 2318-4574. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletroscoPIO/issue/view/219/74>. Acesso em: 21 mai. 2024.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

LIMA, A. F. de.; MORAES, R. N. Uso do artigo definido diante de nome próprio nas capitais do norte do Brasil. **Revista Moara**, n. 54, p. 69-93, ago.-dez. 2019. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/download/8162/5994&ved=2ahUKEwj017mTr72HAXxBLkGHf_kALIQFnoECBcQAw&usg=AOvVaw2HPKi46JR-reiz_an5BIVV. Acesso em: 13 mar. 2024.

OLIVEIRA, A. F. S. A formação do Cariri na produção territorial da Província do Ceará. **Revista Ateliê Geográfico**, v. 16, n. 3, p. 157-172, dez. 2022. ISSN: 1982-1956. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/74824/39183>. Acesso em: 06 jun. 2024.

OLIVEIRA, M. A. S. de. **Uso variável do artigo definido diante de antropônimos**: um estudo sociolinguístico sobre o português falado em Recife. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40965>. Acesso em: 21 mai. 2024.

PEREIRA, D. K. F. **A realização do artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú-PE**. 2017. 204 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/25450>. Acesso em: 8 dez. 2024.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. University of Toronto, Department of Linguistics, 2005. Software.

SOUZA, D. B.; ALVES, L. F.; ARAÚJO, A. A. presença/ausência de artigo definido diante de prenome simples no falar popular de Fortaleza. In: VIANA, R. B. M.; RODRIGUES, L. S.; PONTES, V. O.; CARVALHO, H. M. (Org.). **Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo**. São Paulo: Pimenta cultural, 2020, p. 208-235. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/estudos-sociolinguistica/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SOUZA, D. B.; ALVES, L. F.; ARAÚJO, A. O uso de artigo definido diante de prenomes simples no falar culto de Fortaleza: uma análise em tempo real. In: ARAÚJO, A. A.; VIANA, R. B. M.; RODRIGUES, L. S. (Org.). **O falar culto de Fortaleza em foco**. São Paulo: Pimenta Cultura, 2021, p. 81-104. Disponível em: https://www.academia.edu/67987556/O_falar_culto_de_Fortaleza_em_foco. Acesso em: 11 mar. 2024.

Sobre as autoras

Dayane Bezerra de Souza - Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Fortaleza/CE; E-mail: d.bezerras@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5140857827844773>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-9971-1624>.

Aluiza Alves de Araújo - Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Centro de Humanidades, Programa Pós- Gra-

duação em Linguística Aplicada, Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: aluizazinha@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4488551503886186>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>.

Leticia Freitas Alves - Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Fortaleza-CE; E-mail: leticiafreitas59@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7913212684707197>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4234-9556>.